
AUTORES:Cláudia Dias ¹Nuno Corte-Real ¹Luís Catita ¹André Barreiros ¹Robert Brustad ²António Manuel Fonseca ¹

¹ CIFI²D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal

³ School of Sport & Exercise Science,
University of Northern Colorado, EUA

<https://doi.org/10.5628/rpcd.10.03.100>

Porque abandonam as crianças e os jovens a prática desportiva? Estudo realizado

com crianças e jovens, com
idades compreendidas entre
os 10 e os 18 anos, das regiões
Norte, Centro e Sul de Portugal.

PALAVRAS CHAVE:

Crianças e jovens. Desporto federado.
Abandono do desporto. Razões para
abandonar.

RESUMO

O presente estudo procurou conhecer em maior profundidade porque abandonam as crianças e os jovens portugueses a prática desportiva federada. Mais especificamente, o objectivo principal foi investigar a importância atribuída por crianças e jovens de ambos os sexos, ex-praticantes federados de diferentes modalidades em clubes sedeados em diversas regiões do nosso país, a um conjunto de razões normalmente apontadas como as mais influentes na sua decisão de abandonarem a prática de uma modalidade desportiva, considerando os dados igualmente em função do seu sexo e da sua idade. A análise dos resultados mostrou que o abandono decorria de um conjunto de razões, não existindo uma razão única e determinante para a decisão tomada. Todavia, o papel dos adultos, designadamente o escasso apoio percebido por parte de pais e amigos e a má relação com os seus treinadores, bem como a existência de conflitos entre a sua prática desportiva e outras actividades e interesses, pareciam assumir especial relevância. Adicionalmente, os rapazes enfatizavam mais que as raparigas as questões relativas à dinâmica do processo de treino e rendimento desportivo, enquanto estas pareciam privilegiar menos o seu envolvimento no desporto em detrimento das suas outras actividades. Finalmente, apesar de globalmente se ter registado uma semelhança no modo como crianças e jovens com diferentes idades indicaram a influência das diferentes razões analisadas na sua decisão de cessarem a sua prática desportiva, foi também evidente que o conflito entre a prática desportiva e a realização de outras actividades parecia aumentar à medida que aumentava igualmente a sua idade.

Why do children and youth dropout of sport?

A study with children and youth between the ages of 10 and 18, from the North, Center and South regions of Portugal.

ABSTRACT

The present study sought to more deeply understand why Portuguese children and youth dropout of federated sport practice. More specifically, its main objective was to investigate the importance of a set of reasons usually cited as the most influential in children and youth's decision to abandon the practice of a sport, in a sample of former federated athletes of different sports, from clubs domiciled in various regions of Portugal. Sex and age differences were also analyzed. Results showed that sport dropout stemmed from multiple causes and there was no single conclusive reason for that decision. However, the role of adults, namely the low perceived support from parents and peers and the bad relationship with the coaches, as well as the conflicts between their sport practice and other activities and interests, seemed to be of particular relevance. Additionally boys emphasized more than girls aspects related to the dynamics of training and the sport performance process, while girls seemed to favor their involvement in other activities rather than sport. Finally, although there was a similarity in the influence of the various dropout reasons reported by children and youth of different ages, conflicting interests between sport and non-sport activities were more frequently reported by older athletes.

KEY WORDS:

Children and youth. Federated sport. Dropout of sport. Reasons for withdraw.

INTRODUÇÃO

Hoje em dia, o valor atribuído à experiência desportiva de crianças e jovens na generalidade dos países ocidentais é muito elevado, sendo a participação no desporto organizado aceite e até preconizada como parte do seu desenvolvimento pessoal ^(5, 11). A longo prazo, um envolvimento precoce no desporto organizado e a continuação da prática desportiva ao longo da adolescência estão associados não só a uma melhor percepção de saúde subjectiva — uma relação que parece ser independente da participação noutras formas mais gerais de actividade física, sugerindo que o desporto jovem pode ter uma influência única na saúde e comportamento desportivo dos jovens adultos ⁽⁸⁾ — mas também a níveis mais elevados de actividade física e desportiva durante a vida adulta ^(30, 39, 41). A curto e médio-prazo, a investigação aponta no sentido de que os amplamente (re)conhecidos benefícios de natureza física, biológica, psicológica, social, ou moral que decorrem do envolvimento das crianças e jovens na prática de desporto ^(ver 10) se poderão estender a domínios paralelos ao desporto, promovendo — ao contrário do que usualmente se supõe — o sucesso escolar, favorecendo relacionamentos interpessoais positivos e valores socialmente aceites e, em última análise, diminuindo comportamentos desviantes e protegendo da delinquência juvenil ^(13, 18, 24, 28).

Em Portugal, estes benefícios têm o potencial de atingir um número já considerável de crianças e jovens que, actualmente, participam numa qualquer forma de desporto organizado. Com efeito, embora a quantificação do número exacto de crianças e jovens envolvidos no desporto organizado seja uma tarefa complexa e não tão precisa como seria expectável, as informações disponíveis relativamente ao desporto federado e ao desporto escolar demonstram que, ao longo das últimas décadas, houve um aumento apreciável no número de praticantes inscritos nestes dois tipos de estruturas competitivas. Relativamente ao desporto federado, os dados oficiais assinalam que enquanto em 1996 havia cerca de 116000 praticantes, no presente ano de 2010 esse número se aproximará dos 340000; ou seja, neste período de tempo (i.e., 1996-2010) o número de atletas jovens federados subiu para mais do dobro ⁽²¹⁾. No desporto escolar a realidade parece ser semelhante, na medida em que depois de uma enorme variação negativa entre 2001/ 02 e 2002/ 03 (um total de menos 33602 alunos-praticantes num valor absoluto de 119389 em 2001/ 02) ⁽⁴⁰⁾, o número de inscritos aumentou paulatinamente de ano para ano, tendo ultrapassado, em 2009/ 10, os 158000 atletas ⁽²⁶⁾.

No entanto, em contraponto à elevada taxa de participação desportiva, e ainda que os benefícios do envolvimento no desporto organizado estejam hoje abundantemente documentados e amplamente disseminados, os investigadores, em Portugal e no estrangeiro, têm sido confrontados com um decréscimo progressivo e consistente do interesse pela prática desportiva com a idade. Com efeito, ainda que não seja possível avançar com dados concretos relativamente ao número de crianças e jovens que, em Portugal, cessam o

seu envolvimento no desporto, a literatura internacional parece estar de acordo em que cerca de dois terços dos participantes entre os 7 e os 18 anos cessam anualmente o seu envolvimento no desporto, e que as taxas de abandono atingem números especialmente elevados na adolescência, designadamente entre os 12-13 e os 18 anos ^(6, 7, 32). Esta tendência negativa tem-se mantido consistentemente elevada desde as décadas de 80 e 90 do século passado - altura em que, ao nível internacional, surgiram as primeiras chamadas de atenção para o fenómeno do abandono desportivo ^(15, 32, 37) -, não sendo assim surpreendente que a sua prevalência como tópico de investigação tenha vindo progressivamente a aumentar ao longo dos anos ⁽³⁶⁾.

Uma das primeiras preocupações dos investigadores neste domínio consistiu em compreender o que levava as crianças e os jovens a desistirem da prática de desporto, solicitando a atletas que descontinuaram ou abandonaram o seu envolvimento desportivo para identificarem as razões subjacentes a esse abandono ^(e.g., 3, 15, 16, 22, 29, 38, 42, 43). Entretanto, algumas revisões da extensa investigação que foi sendo realizada permitiram apurar que este fenómeno poderia ser mais complexo do que se esperava inicialmente, na medida em que, para além de não ser possível, na generalidade dos casos, identificar apenas uma única razão para o abandono - implicando assim que este pode e deve ser explicado com base em múltiplas causas -, a frequência das razões específicas evocadas variava de estudo para estudo ⁽²³⁾. Por outro lado, algumas razões surgiam consistente e repetidamente na maioria das investigações, podendo destacar-se, entre aquelas mencionadas com mais frequência, os conflitos de interesse (e.g., escola, emprego) e o interesse por outras actividades. Outras razões comumente aludidas, relacionavam-se com a falta de tempo de jogo, demasiada ênfase na competição, aborrecimento, *stress* competitivo, conflitos/experiências negativas com o treinador, ou ausência de divertimento ^(9, 14, 23, 42, 43).

Esta linha de investigação trouxe um claro contributo para a compreensão do abandono desportivo, na medida em que as razões que assumem um papel de destaque no modo como influenciavam a tomada de decisão de abandonar, podem, por isso mesmo, ser encaradas como indicadoras de alguns dos aspectos que mais condicionam a prática desportiva das crianças e jovens. Contudo, diferentes investigadores têm reforçado a ideia de que um entendimento completo e aprofundado dos processos subjacentes a este fenómeno exige, mais do que identificar as razões que levam ao abandono, a consideração de distintos factores directa ou indirectamente relacionados com a participação (e o abandono) do desporto. Neste sentido, é reforçada a importância de um estudo mais pormenorizado do papel de variáveis intrapessoais como o sexo ou o nível de desenvolvimento (i.e., idade) dos atletas, por exemplo, relativamente às quais a evidência é ainda escassa e/ou pouco esclarecedora da realidade ^(20, 42).

No que concerne ao sexo, a confirmação da existência de diferenças nas razões que levam as raparigas a abandonarem o desporto é particularmente importante se conside-

ramos que a percepção de papéis de género pode influenciar as escolhas e interesses das crianças desde idades muito precoces ^(12, 17, 19). A verdade é que, hoje em dia, a sociedade ainda espera que as raparigas exibam atributos e valores femininos e se envolvam em actividades mais 'adequadas' ao seu sexo, expectativas que, em muitos casos, não se coadunam com a prática de alguns desportos, especialmente no que se refere a modalidades tradicionalmente consideradas mais masculinas (e.g., futebol). Contudo, se, por um lado, não subsistem muitas dúvidas de que o abandono de atletas do sexo feminino é superior ao do sexo masculino ^(4, 34), por outro lado, os resultados da comparação das razões para esse abandono parecem ser algo ambíguos, tendo alguns estudos reportado diferenças-chave (e.g., 4, 27, 35), enquanto outros apontaram algumas (poucas) diferenças significativas ^(2, 25).

Adicionalmente, existem algumas evidências de que as razões para o abandono podem variar em função do nível de desenvolvimento dos atletas, assumindo uma relevância e uma influência diferentes em função da sua idade. Nos atletas mais novos, as razões mais importantes para o abandono incluem a falta de divertimento, falta de sucesso, falta de tempo de jogo, ou demasiada ênfase na vitória, ou seja, questões ligadas à estrutura e objectivos dos programas desportivos e ao contexto social. Contudo, estas razões tornam-se menos relevantes à medida que as crianças ficam mais velhas, passando os conflitos de interesses entre actividades desportivas e não desportivas (e.g., vida social, escola, emprego), conflitos com o treinador, ou lesões, a ocuparem um lugar mais importante na hierarquia das razões evocadas para o abandono ^(4, 31). É assim necessária mais informação que permita compreender em que medida o nível de desenvolvimento (idade) dos atletas portugueses confirma ou infirma as indicações obtidas em investigações internacionais.

Além disso, importa sublinhar, no que concerne especificamente ao nosso país, a ainda mais evidente escassez de estudos sobre a temática do abandono comparativamente à realidade internacional. De facto, a maior parte da investigação tem sido desenvolvida nos EUA ou em países de língua inglesa, pouco se sabendo sobre a investigação em outros países com diferentes culturas desportivas ^(20, 27). Acresce o facto de os estudos realizados em Portugal com atletas federados serem praticamente inexistentes e de os existentes se terem circunscrito a uma determinada realidade geográfica e desportiva, concentrando-se na análise das razões indicadas pelos indivíduos residentes numa área geográfica mais ou menos definida para abandonarem um desporto previamente determinado.

Nesse sentido, com este estudo, procurámos conhecer o impacte assumido por um conjunto de razões normalmente indicadas como estando na origem do abandono da prática desportiva infanto-juvenil na decisão de um conjunto alargado de crianças e jovens de ambos os sexos, ex-praticantes federados de diferentes modalidades desportivas em clubes sedeados em diferentes zonas das Regiões Norte, Centro e Sul de Portugal, de abandonar a prática desportiva nos clubes em que estavam inscritos. Adicionalmente, considerando as

indicações da literatura nesse sentido, constituiu-se ainda como objectivo deste estudo a análise das diferenças das respostas das crianças e jovens, em função do seu sexo e idade.

Por último, refira-se que, na tentativa de alargar ainda mais o nosso conhecimento sobre esta questão, considerámos ainda importante inquirir a este propósito crianças e jovens que, não obstante não tivessem nunca abandonado a prática desportiva federada — ou porque nunca tinham praticado desporto federado ou porque ainda se mantinham a praticar no clube em que tinham começado a fazê-lo —, tivessem irmãos ou amigos que já tivessem abandonado a prática desportiva federada.

METODOLOGIA

PARTICIPANTES

A amostra deste estudo foi constituída por 3642 crianças e jovens de ambos os sexos (47% do sexo masculino e 63% do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos (28% com idades entre os 10 e os 13 anos, 54% com idades entre os 14 e os 16 anos, e 18% com idades entre os 17 e os 18 anos), que residiam nas regiões Norte, Centro e Sul de Portugal. A média de idades dos rapazes era de 14.84 ± 1.84 anos e a das raparigas de 14.73 ± 1.87 anos, não sendo a diferença entre ambas estatisticamente significativa.

Com base na análise da relação que as crianças e os jovens mantinham com a prática desportiva aquando da realização do estudo, foi possível constituir quatro grupos distintos: (a) o dos que não praticavam naquele momento, mas tinham praticado no passado — que correspondia a 21% da amostra total; (b) o dos que, embora praticassem naquele momento, tinham já abandonado a prática de desporto federado ou mudado de clube, pelo menos uma vez, no passado — que correspondia a 6% da amostra total; (c) o dos que nunca tinham praticado desporto — que correspondia a 58% da amostra total; e (d) o dos que praticavam desporto federado naquele momento e que desde que tinham iniciado a sua prática nunca a tinham abandonado ou mesmo mudado de clube - que correspondia a 14% da amostra total.

Apesar de não ter sido um dos objectivos do presente estudo e de não pretendermos generalizar os resultados encontrados, julgamos ser importante destacar que a constituição daqueles quatro grupos permitiu verificar que do elevado número de crianças e jovens que participaram neste estudo apenas 20% praticavam desporto aquando da sua realização, percentagem inferior à dos que já tinham abandonado a prática desportiva. De entre os que praticavam, de destacar igualmente que quase 30% deles, num ou noutro momento das suas vidas, já tinham abandonado a prática desportiva ou, pelo menos, trocado o clube em que a tinham iniciado.

Para efeitos do presente estudo, centrado essencialmente nas razões indicadas por crianças e jovens para abandonar a prática desportiva, decidimos considerar apenas dois

grupos: (a) o dos que já tinham, pelo menos uma vez, abandonado a prática de desporto federado ou mudado de clube (constituído pelos elementos dos dois primeiros grupos anteriormente referidos) e que, nessa medida, se pronunciaram com base nos seus casos pessoais; e (b) o dos que nunca tinham abandonado a prática desportiva ou mudado de clube (constituído pelos elementos dos dois últimos grupos anteriormente referidos) e, nesse sentido, não poderiam pronunciar-se com base nos seus casos pessoais, tendo-o feito com base no seu conhecimento relativo a casos ocorridos com um/ a irmão/ ã ou melhor amigo/ a.

PROCEDIMENTOS

Após terem sido previamente contactados por intermédio dos seus professores, e manifestado a sua disponibilidade para participarem neste estudo, as crianças e os jovens preencheram, durante uma das suas aulas, o Questionário sobre as Razões para o Abandono do Desporto (QRAD), desenvolvido especificamente para este estudo. O QRAD consiste numa lista de 65 possíveis razões pelas quais as crianças e os jovens normalmente decidem abandonar a prática de uma modalidade desportiva, num determinado clube ou mesmo em termos gerais, e em relação a cada uma das quais é solicitada aos inquiridos a indicação, através de uma escala de tipo Likert de 1 (nada importante) a 5 (totalmente importante), do nível de importância assumida na sua decisão de abandonar o desporto.

A decisão de proceder à elaboração de raiz de um questionário para a avaliação das razões subjacentes à decisão das crianças e dos jovens nacionais de abandonarem o desporto fundou-se no reconhecimento da inexistência de um instrumento para avaliar as razões que levam as crianças e os jovens a abandonar a prática desportiva cujas boas propriedades psicométricas sejam reconhecidas de forma consensual pela comunidade científica, o que inviabilizou naturalmente a decisão inicial de recorrer à utilização de um questionário já existente.

Embora não tencionemos descrever aqui em pormenor as diferentes fases de construção do questionário, importará destacar que as 65 razões que integram a versão aqui utilizada decorreram de um conjunto inicial de mais de 100 potenciais razões para o abandono do desporto infante-juvenil, identificadas a partir da realização de uma revisão exaustiva da literatura disponível neste domínio do conhecimento bem como da análise dos vários instrumentos utilizados nos diferentes estudos realizados.

Posteriormente, após uma primeira análise realizada por um júri de cinco especialistas, a lista inicial de razões foi submetida à apreciação de uma amostra constituída por mais de duas centenas de jovens atletas e ex-atletas que se pronunciou sobre o modo como cada uma das razões indicadas era perceptível e adequada ao que se pretendia saber.

Finalmente, após a eliminação dos itens considerados redundantes, confusos ou pouco importantes, foi elaborada uma nova versão do instrumento, submetida em seguida à apre-

ciação de uma amostra mais reduzida de crianças e jovens, os quais não revelaram dificuldades significativas em relação à compreensão e interpretação das diferentes razões que a constituíam, razão pela qual decidimos utilizá-la no presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DA AMOSTRA TOTAL

Da análise das respostas das crianças e dos jovens que — independentemente de no momento de realização do nosso estudo praticarem ou não desporto federado — já tinham abandonado, pelo menos uma vez na sua vida, a prática desportiva federada ou mudado de clube, resultou que as razões indicadas como tendo tido mais importância na sua decisão se relacionavam essencialmente com o escasso apoio percebido por parte de pais e amigos no sentido da continuação da sua prática desportiva e com a sua má relação e opinião sobre os seus treinadores, bem como com a existência de alguns conflitos entre a sua prática desportiva e outras das suas actividades (quer escolares quer sociais) (Quadro 1).

QUADRO 1 — Principais razões indicadas como estando subjacentes à decisão das crianças e dos jovens abandonarem a prática desportiva. Respostas das crianças e dos jovens que já tinham abandonado o desporto.

RAZÃO PARA ABANDONAR...	IMPORTÂNCIA
Não tinha grande apoio da família e/ ou dos amigos	2.70 ± 1.53
Os meus pais insistiram para eu me dedicar mais aos estudos	2.64 ± 1.45
Não tinha horário compatível	2.62 ± 1.43
O tratamento desigual dos atletas por parte do treinador	2.55 ± 1.49
O treinador era pouco ambicioso	2.55 ± 1.38
Queria ter mais tempo livre	2.51 ± 1.37
O treinador era injusto	2.44 ± 1.44
Tinha uma má relação com treinador	2.44 ± 1.48
Os métodos de treino do treinador eram maus	2.43 ± 1.43
Não me sentia suficientemente competente para atingir o que queria atingir no desporto	2.42 ± 1.29
Praticar desporto não me dava grande prazer	2.42 ± 1.57
Havia demasiada competição	2.42 ± 1.35
Era muito difícil conciliar com as minhas outras actividades	2.41 ± 1.18
O horário dos treinos e/ ou competições não dava tempo para amigos	2.41 ± 1.18
O horário dos treinos e/ ou competições não era compatível com outras actividades	2.38 ± 1.40

Adicionalmente, foram também referidas como importantes para a sua decisão de abandonarem a prática desportiva razões relacionadas com uma excessiva competição, uma reduzida competência percebida para conseguirem alcançar os objectivos a que se propunham e um escasso prazer proporcionado pela prática desportiva.

Quando analisámos as respostas dadas a este respeito por crianças e jovens que, embora nunca tendo abandonado a prática desportiva — ou porque nunca a tinham sequer praticado ou porque desde que a haviam iniciado não mais a tinham abandonado ou mesmo mudado de clube —, tinham irmãos ou amigos que já tinham passado por situações dessas, constatámos a existência de várias semelhanças com as respostas dadas pelo grupo anterior, designadamente em relação à elevada importância atribuída ao (deficiente) apoio protagonizado pela família e/ ou os amigos como suporte à sua prática desportiva e à (má) qualidade da relação mantida com o treinador, bem como aos conflitos existentes entre a sua prática desportiva e outras actividades (fundamentalmente de natureza escolar), ou ainda a uma elevada pressão da competição e um menor prazer proporcionado pela sua prática desportiva (Quadro 2).

Assim sendo, e independentemente de ter sido perceptível nas respostas dos elementos deste grupo uma ênfase comparativamente mais elevada em razões relacionadas com a ocorrência de problemas com outros elementos dos seus clubes, fossem eles colegas ou mesmo dirigentes, bem como com a vontade de desenvolver a sua prática noutra contexto, da análise das respostas de ambos os grupos emerge claramente a importância exercida pelos adultos mais significativos para as crianças e jovens (quer pais quer treinadores) na sua decisão de abandonarem a prática desportiva.

QUADRO 2 — Principais razões indicadas como estando subjacentes à decisão das crianças e dos jovens abandonarem a prática desportiva. Respostas das crianças e dos jovens que tinham irmãos ou amigos que tinham abandonado o desporto..

RAZÃO PARA ABANDONAR...	IMPORTÂNCIA
Não tinha grande apoio da família e/ ou dos amigos	3.33 ± 1.36
Descobriu que gostava mais de outro desporto	3.29 ± 1.44
O seu rendimento escolar foi afectado	3.29 ± 1.36
Não tinha horário compatível	3.24 ± 1.33
Os pais dele/a insistiram para ele/a se dedicar mais aos estudos	3.23 ± 1.27
Tinha uma má relação com treinador	3.19 ± 1.48
A prática desportiva interferia com a sua vida escolar	3.18 ± 1.32
O ambiente não era agradável	3.17 ± 1.40
Praticar desporto não lhe dava grande prazer	3.16 ± 1.52

RAZÃO PARA ABANDONAR...	IMPORTÂNCIA
O ambiente era mau; não eram uma equipa	3.16 ± 1.43
Sentia que não era respeitado/a	3.15 ± 1.40
Teve melhores propostas de outros clubes	3.11 ± 1.41
A pressão da competição era muito elevada	3.09 ± 1.37
Teve problemas com dirigentes	3.09 ± 1.37
Mudou para um clube com mais condições	3.08 ± 1.28

Para além do reconhecimento do modo como os jovens destacaram directamente o escasso apoio percebido por uns (i.e., pelos pais) e a má relação ou opinião relativamente a outros (i.e., os treinadores) como tendo sido das principais razões para terem decidido abandonar a sua prática desportiva, na base daquela conclusão situa-se a assunção de que os conflitos entre a actividade desportiva de crianças e jovens e outras das suas actividades (quer escolares quer sociais ou de entretenimento) sobrevêm frequentemente pela sua incapacidade de as articularem da melhor forma, devendo, por isso mesmo, ser auxiliados nesse sentido pelos seus outros significativos (quer familiares quer treinadores), o que, infelizmente, nem sempre acontece.

Em nosso entender, esta é certamente uma responsabilidade que não deve competir exclusivamente a crianças e jovens, embora daqui não deva ser extraída a noção de que devem ser os adultos a assumir, em exclusivo, a responsabilidade de definir a hierarquia de prioridades e a gestão das actividades que integram a agenda das crianças e jovens sob a sua tutela: auxiliar, e não determinar, é o que defendemos a este respeito.

Adicionalmente, julgamos ser de destacar a necessidade de repensar os moldes em que se estrutura e processa o quadro competitivo ao nível do desporto infanto-juvenil, porquanto é frequente identificar, conforme também aqui verificámos, a referência a ênfases competitivas desajustadas como estando na origem da rejeição da prática desportiva por parte de muitas crianças e jovens.

Não quer isto significar que pensemos, como por vezes alguns defendem, que não deve existir competição ao nível do desporto infanto-juvenil, porquanto, para além de isso conflitar claramente com o que caracteriza o envolvimento espontâneo de crianças e jovens em actividades desta natureza (procurando sistematicamente competir pela conquista de um ou outro objectivo), representaria uma amputação nefasta no potencial educativo que pode e deve decorrer do confronto com um determinado nível de exigência e dificuldade.

Ou seja, a questão não pode, nem deve, ser colocada na existência ou inexistência de competição ao nível do desporto infanto-juvenil mas sim nos moldes em que se deve pro-

cessar essa competição, os quais devem salvaguardar não só a defesa dos valores que devem impregnar o processo desportivo e educativo mas também o respeito pelo que eles procuram com a sua prática desportiva.

Por exemplo, os estudos realizados sobre os motivos que levam crianças e jovens a praticar desporto têm salientado de forma sistemática o elevado impacto assumido nesse domínio pela procura de desenvolvimento e demonstração de competência, convívio com outros e busca de sensações de prazer e divertimento, resultados que encontram correspondência nos resultados aqui encontrados em relação ao modo como foram destacadas como importantes para a decisão de abandonar o desporto percepções de incompetência e de falta de prazer associadas à prática desportiva. Ressalta-se assim, uma vez mais, a importância de se entender em concomitância os processos de adesão e de abandono da prática desportiva de crianças e jovens, os quais parecem efectivamente constituir-se como duas faces de uma mesma moeda.

EM FUNÇÃO DO SEXO

Quando comparámos a importância atribuída por rapazes e raparigas a cada uma das diferentes razões para o abandono do desporto infanto-juvenil, identificámos, numa primeira fase, a existência de diferenças estatisticamente significativas em 18 das 65 razões analisadas, com os rapazes a indicarem os valores mais elevados em todas elas.

Ao analisarmos mais detalhadamente apenas aquelas 18 razões, em relação às quais foram evidentes maiores diferenças entre as respostas de rapazes e raparigas (ver Quadro 3), verificámos, antes de mais, que, para além de quase metade delas (isto é, sete) se relacionarem directamente com os treinadores, outras mais poderão eventualmente relacionar-se também com aqueles, designadamente as referentes ao facto de não serem sempre convocados, bem como à percepção de que já não eram úteis à equipa e de que estavam a dar muito e a receber pouco, ou, ainda, à frustração por eles sentida enquanto atletas.

Ainda relacionadas com questões associadas ao funcionamento do clube em que desenvolviam a sua prática desportiva, de destacar as razões relativas aos problemas com dirigentes e à sensação de falta de respeito, já que o facto de alguns abandonarem a prática desportiva num determinado clube para mudarem para um outro com mais condições não implica necessariamente uma crítica negativa ao clube em que estavam inscritos, porquanto essa mudança pode ter sido motivada, por exemplo, pelo seu desejo de alcançar um outro patamar de rendimento; aliás, nessa mesma linha pode considerar-se a referência à reduzida dificuldade colocada pela competição em que estavam envolvidos.

QUADRO 3 — Razões em que a diferença entre as médias das respostas de rapazes e raparigas foi estatisticamente significativa ($p \leq .05$).

RAZÃO PARA ABANDONAR...	RAPAZES	RAPARIGAS	TESTE T
Os métodos de treino do treinador eram maus	2.68 ± 1.44	2.05 ± 1.32	4.17
Tinha uma má relação com treinador	2.64 ± 1.50	2.13 ± 1.42	3.16
O treinador era pouco ambicioso	2.73 ± 1.36	2.26 ± 1.34	3.16
A dificuldade da competição era muito reduzida	2.29 ± 1.33	1.85 ± 1.19	3.05
O treinador não se interessava	2.48 ± 1.40	2.04 ± 1.36	2.89
Senti que estava a dar muito e a receber pouco	2.54 ± 1.41	2.08 ± 1.31	2.86
O treinador era incompetente	2.45 ± 1.49	2.03 ± 1.37	2.63
Tive problemas com dirigentes	2.23 ± 1.38	1.86 ± 1.25	2.49
Sentia-me frustrado/a como atleta	2.36 ± 1.40	1.98 ± 1.36	2.48
Estive muito tempo parado devido a lesão	2.29 ± 1.42	1.92 ± 1.27	2.41
O horário dos treinos/ competições não dava tempo para amigos	2.52 ± 1.37	2.17 ± 1.32	2.35
Mudei para clube com mais condições	2.26 ± 1.45	1.91 ± 1.51	2.28
Não era sempre convocado/a	2.29 ± 1.37	1.95 ± 1.26	2.25
Senti que não era respeitado/a	2.36 ± 1.45	2.00 ± 1.41	2.23
Senti que já não era útil à equipa	2.42 ± 1.45	2.09 ± 1.24	2.22
Tive que ir trabalhar	2.08 ± 1.39	1.75 ± 1.23	2.22
O treinador era injusto	2.57 ± 1.45	2.23 ± 1.38	2.17
O tratamento desigual dos atletas por parte do treinador	2.71 ± 1.52	2.35 ± 1.46	2.16

Finalmente, neste conjunto de razões relativamente às quais foi evidente uma maior diferença entre os valores atribuídos por rapazes e raparigas à lista de razões consideradas, encontram-se ainda algumas relacionadas com a existência de conflitos com outras actividades, tanto de natureza social (quererem estar com os amigos), como laboral (terem que trabalhar).

De sublinhar, em nossa opinião, que estes resultados, em termos genéricos, convergem com a habitualmente mais elevada importância que os rapazes concedem à prática desportiva nas suas opções e prioridades de vida, circunstância que os poderá impelir naturalmente para um posicionamento mais exigente e crítico face aos seus treinadores, emergindo assim mais conflitos e desgostos quando sentem que não estão a alcançar tudo o que procuram.

Conforme referimos aquando da análise anterior, constatámos que, para todas as razões em que se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as médias das respostas dos rapazes e das raparigas, as mais elevadas corresponderam sempre aos

rapazes. Nesse sentido, decidimos verificar em seguida relativamente a quantas das 65 potenciais razões para o abandono infanto-juvenil apreciadas a média das respostas das raparigas teria sido superior à dos rapazes, tendo constatado que isso apenas aconteceu para oito delas (ver Quadro 4), embora em relação a outras duas razões (“Mudei de escola e/ ou de residência” e “Estava envolvido/a em muita coisa”) as médias tenham sido idênticas.

QUADRO 4 — Razões em que a média das respostas das raparigas foi superior à dos rapazes.

RAZÃO PARA ABANDONAR...	RAPAZES	RAPARIGAS
Sentia-me muito cansado/a	2.27 ± 1.29	2.50 ± 1.45
Não tinha horário compatível	2.63 ± 1.41	2.74 ± 1.54
Descobri que gostava mais de outro desporto	2.38 ± 1.45	2.43 ± 1.43
Saturei-me dos treinos	2.28 ± 1.36	2.33 ± 1.37
Sentia-me completamente esgotado/a	2.23 ± 1.33	2.27 ± 1.38
O treinador era muito exigente	2.38 ± 1.34	2.41 ± 1.43
O horário dos treinos/ competições não era compatível com outras actividades	2.39 ± 1.40	2.42 ± 1.36
Optei por praticar outro desporto	2.23 ± 1.36	2.24 ± 1.38

Da análise das razões relativamente às quais a média das respostas das raparigas foi mais elevada do que a dos rapazes, parece resultar evidente que, em termos gerais, todas elas se associam à percepção e rejeição de uma exigência desajustada face ao esperado ou desejado, bem como à propensão para continuar a actividade desportiva num outro contexto, destacando-se assim a discrepância patente entre o esperado e o encontrado com a experiência desportiva.

Uma outra opção que adoptámos para procurar eventuais diferenças, ou semelhanças, entre os rapazes e as raparigas face às razões para o abandono da prática desportiva foi a de analisar quais as razões mais destacadas por eles e por elas para terem decidido abandonar a prática, independentemente da magnitude do valor que lhes atribuíram nessa mesma decisão.

Assim, quando comparámos as 15 razões consideradas mais importantes por eles e por elas (ver Quadro 5), constatámos que apenas sete eram comuns; se considerássemos apenas as 10 mais importantes a proporção de razões comuns era similar — isto é, não passava de metade.

QUADRO 5 — Razões indicadas por rapazes e raparigas como mais importantes para abandonarem o desporto.

RAZÃO PARA ABANDONAR...		RAPAZES		RAPARIGAS
Não tinha grande apoio da família e/ ou dos amigos	1	2.77 ± 1.48	2	2.57 ± 1.56
Os meus pais insistiram para eu me dedicar mais aos estudos	2	2.74 ± 1.42	4	2.48 ± 1.54
O treinador era pouco ambicioso	3	2.73 ± 1.36		
O tratamento desigual dos atletas por parte do treinador	4	2.71 ± 1.52	11	2.35 ± 1.46
Os métodos de treino do treinador eram maus	5	2.68 ± 1.44		
Tinha uma má relação com treinador	6	2.64 ± 1.50		
Não tinha horário compatível	7	2.63 ± 1.41	1	2.74 ± 1.54
Queria ter mais tempo livre	8	2.59 ± 1.38	5	2.47 ± 1.37
O treinador era injusto	9	2.57 ± 1.45		
O horário dos treinos e/ou competições não dava tempo para amigos	10	2.52 ± 1.37		
Era muito difícil conciliar com as minhas outras actividades	11	2.52 ± 1.39	7	2.43 ± 1.44
Senti que estava a dar muito e a receber pouco	12	2.51 ± 1.41		
O ambiente era mau; não éramos uma equipa	13	2.49 ± 1.44	14	2.33 ± 1.46
O treinador não se interessava	14	2.48 ± 1.40		
O número de treinos era insuficiente	15	2.47 ± 1.44		
Sentia-me muito cansado/a			3	2.50 ± 1.45
Descobri que gostava mais de outro desporto			6	2.43 ± 1.43
O horário dos treinos e/ ou competições não era compatível com outras actividades			8	2.42 ± 1.36
O treinador era muito exigente			9	2.41 ± 1.43
Perdi o gosto pela prática da modalidade			10	2.38 ± 1.50
Fartei-me de a praticar			12	2.34 ± 1.45
Havia demasiada competição			13	2.33 ± 1.40
Saturei-me dos treinos			15	2.33 ± 1.37

Para além disso, a análise semântica das razões indicadas por rapazes e raparigas como tendo sido as mais importantes para abandonarem o desporto, paralelamente à identificação de uma realidade partilhada — constituída pelo impacte assumido nas suas decisões por parte dos seus outros significativos —, apontou uma vez mais, e na linha do que tem vindo a ser referido anteriormente, para a sugestão de duas realidades complementares diferenciadas conducentes ao abandono do desporto: a dos rapazes, aparentemente mais centrados em questões da dinâmica do processo de treino e rendimento desportivo, abandonando

quando não estão satisfeitos com a gestão ou os resultados desse mesmo processo, e a das raparigas, mais inclinadas para dedicarem tanto tempo e empenhamento ao desporto quanto a outro tipo de actividades, abandonando quando a prática desportiva as faz sentirem-se menos disponíveis — em tempo ou em energias — para a realização de outras actividades.

EM FUNÇÃO DA IDADE

Da comparação da importância associada por crianças e jovens com idades diferenciadas às 65 diferentes razões para o abandono do desporto infanto-juvenil consideradas, resultou a identificação de diferenças estatisticamente significativas relativamente a apenas três delas, com a média mais elevada a corresponder sempre ao grupo dos mais novos (ver Quadro 6).

QUADRO 6 — Razões em que a diferença entre as médias das respostas de crianças e jovens com diferentes idades foi estatisticamente significativa ($p \leq .05$).

RAZÃO PARA ABANDONAR...	10-13 ANOS	14-16 ANOS	17-18 ANOS	ANOVA
Mudei para clube com mais condições	2.48 ± 1.60	2.09 ± 1.39	1.71 ± 1.16	5.44
O treinador era muito exigente	2.67 ± 1.42	2.17 ± 1.31	2.58 ± 1.33	5.10
Praticar desporto não me dava grande prazer	2.68 ± 1.55	2.36 ± 1.55	2.02 ± 1.40	3.58

Todavia, enquanto nos casos das razões para terem abandonado a prática desportiva num dado clube devido à opção de continuar essa mesma prática desportiva num outro clube ou à constatação de que aquela prática desportiva não lhes suscitava grande prazer a diferença com significado estatístico se verificou entre a média das respostas do grupo com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos e o grupo com idades compreendidas entre os 17 e os 18 anos, em relação à outra razão aqui considerada, relativa à elevada exigência protagonizada pelo treinador, a diferença estatisticamente significativa registou-se entre os dois grupos com menor idade.

Quando comparámos as 15 razões consideradas mais importantes pelos elementos dos três grupos etários (ver Quadro 7), verificámos que eram seis as comuns aos três grupos; no entanto, ao considerarmos apenas as 10 mais importantes, ou mesmo as cinco mais importantes, constatamos que a percentagem de razões comuns aos três grupos era igual ou superior a 50%. Entre as razões comuns a todos os grupos, encontram-se, uma vez mais, as relativas aos adultos (principalmente aos pais, mas também aos treinadores) e ao conflito com outras actividades.

Independentemente de os resultados sugerirem acima de tudo a existência de uma ele-

vada semelhança entre os elementos dos vários grupos relativamente às razões apontadas como as mais importantes para terem abandonado o desporto, importa igualmente destacar que o conflito entre a prática desportiva e a realização de outras actividades parece aumentar à medida que aumenta igualmente a idade das crianças e dos jovens, o que, sendo algo perfeitamente compreensível, não deixa de merecer atenção.

QUADRO 7 — Razões em que a diferença entre as médias das respostas de crianças e jovens com diferentes idades foi estatisticamente significativa ($p \leq .05$).

RAZÃO PARA ABANDONAR...		10-13 ANOS		14-16 ANOS		17-18 ANOS
Não tinha horário compatível	1	2.87 ± 1.48	3	2.57 ± 1.45	2	2.70 ± 1.44
Não tinha grande apoio da família e/ou dos amigos	2	2.72 ± 1.57	1	2.64 ± 1.50	1	2.77 ± 1.42
Praticar desporto não me dava grande prazer	3	2.68 ± 1.55				
O treinador era muito exigente	4	2.67 ± 1.42			7	2.58 ± 1.33
Os meus pais insistiram [...] dedicar mais aos estudos	5	2.66 ± 1.51	1	2.64 ± 1.44	4	2.59 ± 1.46
O ambiente era mau; não éramos uma equipa	6	2.65 ± 1.52			10	2.47 ± 1.41
Quería ter mais tempo livre	7	2.63 ± 1.36	8	2.51 ± 1.38	4	2.59 ± 1.38
Horário [...] não era compatível com outras actividades	7	2.63 ± 1.50			9	2.53 ± 1.39
Tratamento desigual dos atletas por parte do treinador	9	2.62 ± 1.51	6	2.54 ± 1.52	2	2.70 ± 1.49
O treinador era pouco ambicioso	9	2.62 ± 1.41	3	2.57 ± 1.41		
Sentia-me muito cansado/a	9	2.62 ± 1.36				
Era muito difícil conciliar [...] outras actividades	12	2.61 ± 1.47	11	2.47 ± 1.39	14	2.39 ± 1.36
Perdi o gosto pela prática da modalidade	12	2.61 ± 1.56	12	2.41 ± 1.51		
Já tinha alcançado tudo	14	2.57 ± 1.35				
O treinador era injusto	15	2.56 ± 1.44	10	2.50 ± 1.47		
Tinha uma má relação com treinador			3	2.57 ± 1.53		
Os métodos de treino do treinador eram maus			7	2.53 ± 1.45		
Havia demasiada competição			8	2.51 ± 1.46		
O horário dos treinos [...] não dava tempo para amigos			13	2.40 ± 1.37	14	2.39 ± 1.32
Não me sentia suficientemente competente [...]			13	2.40 ± 1.31		
O número de treinos era insuficiente			15	2.38 ± 1.41		
Senti que estava a dar muito e a receber pouco					4	2.59 ± 1.46
Ambiente não era agradável					7	2.58 ± 1.38
Descobri que gostava mais de outro desporto					11	2.43 ± 1.41
Devido a outros interesses mais importantes					12	2.41 ± 1.38
A minha influência no clube diminuiu					12	2.41 ± 1.09

Desta análise comparativa das principais razões apontadas pelos elementos dos três grupos parece ser igualmente importante sublinhar o maior número de razões relacionadas com os treinadores indicadas pelos jovens com idades intermédias, bem como de, no conjunto de razões indicadas como mais importantes pelos mais velhos, as razões com a percepção de que da prática desportiva não estava a decorrer o desejado retorno terem assumido um relevo maior, comparativamente ao verificado para os mais novos.

Em todo o caso, parece-nos ser importante sublinhar, uma vez mais, a significativa semelhança registada entre o modo como crianças e jovens com diferentes idades indicaram que as diferentes razões analisadas tinham exercido influência na sua decisão de cessarem a sua prática desportiva, porquanto tal parece indicar que, independentemente da existência de uma natural diversidade — compatível aliás com a circunstância de as crianças e os jovens que participaram neste estudo se terem pronunciarem em relação ao abandono da prática de diferentes modalidades desportivas realizada em diferentes contextos e enquadramentos — a forma como os adultos (não) contribuem para que eles mantenham a sua prática desportiva regular e sistemática assume particular relevo e, nessa medida, deve merecer uma atenção especial por parte de todos os interessados e responsáveis neste domínio

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os numerosos e diversificados benefícios de natureza física, biológica, psicológica, social ou moral consensualmente associados à prática desportiva infanto-juvenil não pode deixar de ser com preocupação que se assiste ao abandono daquela prática por parte de um conjunto significativo de crianças e jovens, no mundo em geral e em Portugal em particular. Nessa medida, tem vindo a ser cada vez mais enfatizada a necessidade de aumentar o conhecimento actualmente existente em relação ao que subjaz àquela decisão, porquanto, de uma forma geral, a prática de actividades desportivas é algo em que não só crianças e jovens tendem naturalmente a envolver-se como é socialmente defendida pelos adultos, com maiores ou menores responsabilidades neste domínio.

Em termos genéricos, os resultados encontrados apontaram no sentido da inexistência de uma razão única e determinante para que um número elevado de crianças e jovens tivesse decidido abandonar efectivamente a prática desportiva, permitindo constatar que aquela decisão decorreu da acção concertada de um conjunto mais ou menos diverso de razões, na linha aliás do que tem vindo a ser sugerido por outros estudos nesta área, ou mesmo pelos estudos realizados sobre o que leva crianças e jovens a praticarem desporto, reforçando-se assim, uma vez mais, a utilidade de entender os processos de adesão e de

abandono da prática desportiva como estando conectados de forma inextricável.

Não obstante o anteriormente referido, foi possível verificar que, de entre as diversas razões consideradas como mais importantes para a ocorrência do abandono desportivo, as relacionadas com o papel dos adultos — designadamente as relativas ao escasso suporte percebido por parte dos familiares relativamente à sua prática desportiva, bem como à acção dos seus treinadores — assumiram um relevo especial que, não sendo completamente uma surpresa, devem ser, em nossa opinião, objecto de reflexão por parte dos interessados e responsáveis pela promoção da prática desportiva infanto-juvenil.

Na verdade, se atendermos à evolução que tem vindo a registar-se no quotidiano das nossas crianças e jovens — por exemplo, em termos dos seus horários e exigências escolares, ou dos seus interesses sociais e de entretenimento alternativos ao desporto — bem como no da sociedade em geral — menor segurança nas ruas, especialmente em certos locais e em certos horários, levando a que os pais tendam a conceder-lhes menos liberdade para eles se deslocarem sozinhos, especialmente ao final do dia, quando é habitual decorrerem os treinos das diferentes modalidades desportivas — teremos que reconhecer que, mais do que nunca, para que as crianças e os jovens possam ter uma prática desportiva regular e sistemática, complementar à que porventura possam realizar no contexto da sua actividade escolar, os pais terão não só que conceder a necessária autorização mas também envolver-se nesse sentido.

Também a frequente referência por parte de crianças e jovens aos conflitos existentes entre a sua actividade desportiva e as suas outras actividades e interesses — principalmente escolares mas também sociais ou de entretenimento — deve ser objecto de preocupação e de definição de medidas conducentes à sua minimização, até porque têm sido vários os que têm identificado esta questão como uma das mais determinantes do abandono da prática desportiva das crianças e dos jovens.

Neste contexto, uma vez mais, o papel dos adultos é importante, quer auxiliando as crianças e os jovens pelos quais são responsáveis a gerirem o modo como compatibilizar e cumprir com todos os seus deveres e interesses, quer propugnando por uma melhor articulação entre as diferentes instituições frequentadas por crianças e jovens (e.g., escolares, desportivas) a qual permita que o equilíbrio entre os referidos deveres e interesses não seja tão difícil de conseguir.

Ainda no que concerne a questões mais organizacionais, somos de opinião que a introdução de algumas alterações, por exemplo, na estrutura competitiva actualmente em vigor, que aliás tem vindo a ser defendida por muitos dos especialistas neste domínio, poderá igualmente ser benéfica no que respeita ao modo como pode ajudar a prevenir o fenómeno do abandono da prática desportiva infanto-juvenil.

Na verdade, a excessiva ênfase na competição ao nível do desporto infanto-juvenil (igual-

mente salientada como um dos elementos mais desfavoráveis na caracterização que Adelino, Vieira e Coelho efectuaram da prática desportiva juvenil federada, publicada em 2005 pelo Instituto do Desporto de Portugal ⁽¹⁾, constituindo como objectivo praticamente único da participação de crianças e jovens no desporto a tentativa de demonstração da sua superioridade perante os seus pares, induz muitas das vezes a que os responsáveis não acautelarem os diferentes ritmos de progresso e crescimento das crianças e dos jovens envolvidos, levando-os a sentirem-se incompetentes e, naturalmente, desgostosos com a sua actividade desportiva, sempre que a desejada demonstração de superioridade não acontece.

Finalmente, gostaríamos de destacar que da análise dos dados em função do sexo e idade das crianças e jovens que participaram nesta pesquisa resultou que o que anteriormente referimos se aplica, em maior ou menor intensidade, a todos eles. Ainda assim, foram perceptíveis algumas evidências no sentido da existência de realidades algo diferenciadas para rapazes e raparigas, com os primeiros a enfatizarem mais questões relativas à dinâmica do processo de treino e rendimento desportivo, constituindo-se como mais críticos e exigentes a esse respeito, particularmente quando sentiam que não estavam a alcançar os resultados que pretendiam, e a das raparigas, menos inclinadas a privilegiarem a sua participação no desporto em detrimento das suas outras actividades, estando por isso mesmo mais propensas a cessá-la quando sentiam que ela as tornava menos disponíveis — em tempo ou em energias — para a realização das suas outras actividades.

AGRADECIMENTOS

Esta investigação foi realizada com o apoio do Instituto do Desporto de Portugal, no âmbito do Programa Jovens no Desporto — Um Pódio para Todos, sendo de destacar toda a colaboração e apoio prestados pelo Prof. Jorge Adelino.

1. Adelino J, Vieira J, Coelho O (2005). *Caracterização da prática desportiva juvenil federada*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
2. Brown BA (1985). Factors influencing the process of withdrawal by female adolescents from the role of competitive age group swimmer. *Social Sport J* 2: 111-129.
3. Bussmann G (1995). How to prevent "dropout" in competitive sports. *New Stud Athlet* 1: 23-29.
4. Butcher J, Lindner KL, Johns DP (2002). Withdrawal from competitive sports: A retrospective ten-year study. *J Sport Behav* 25(2): 145-163.
5. Coakley JJ (1998). *Sport in society: Issues and controversies*. Boston, MA: McGraw Hill.
6. Chillón P, Ortega F, Ruiz J, Pérez I, Martín-Matillas M, Valtueña J, Gómez-Martínez S, Redondo C, Rey-López JP, Castillo MJ, Tercedor P, Delgado M (2009). Socio-economic factors and active commuting to school in urban Spanish adolescents: The AVENA study. *Eur J Public Health* 19(5): 470-476.
7. De Knop P, Engström LM, Skirstad B (1996). In: De Knop P, Engström LM, Skirstad B, Weiss MR (eds.). *Worldwide trends in youth sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 276-281.
8. Dodge T, Lambert SF (2009). Positive self-beliefs as a mediator of the relationship between adolescents' sports participation and health in young adulthood. *J Youth Adolesc* 38(6): 813-25.
9. Ewing ME, Seefeldt V (1989). *Participation and attrition patterns in American agency-sponsored and interscholastic sports: An executive summary (Final Report)*. North Palm Beach, FL: Sporting Goods Manufacturers Association.
10. Fonseca AM, Dias C, Corte-Real N (2010). Da participação ao abandono da prática desportiva. *Rev Port Cien Desp*, 10 (2): 96-114.
11. Fraser-Thomas J, Côté J, Deakin J (2005). Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development. *Phys Educ Sport Pedagog* 10: 19-40.
12. Fredricks JA, Eccles JS (2005). Family socialization, gender, and sport motivation and involvement. *J Sport Exerc Psychol* 27(1): 3-31.
13. Gerber SB (1996). Extracurricular activities and academic achievement. *J Res Develop Educ* 30: 42-50.
14. Gould D (1987). Understanding attrition in children's sport. In: Gould D, Weiss MR (eds.). *Advances in pediatric sport sciences: Behavioral issues* (vol. 2). Champaign, IL: Human Kinetics, 61-85.
15. Gould D, Feltz D, Horn T, Weiss M (1982). Reasons for discontinuing involvement in competitive youth swimming. *J Sport Behav* 5, 155-165.
16. Gould D, Udry E, Tuffey S, Loehr J (1996). Burnout in competitive junior tennis players: I. A quantitative psychological assessment. *Sport Psychol* 10: 322-340.
17. Greendorfer SL, Ewing ME (1981). Race and gender differences in children's socialization into sport. *Res Q Exerc Sport* 52: 301-310.
18. Guest A, Schneider B (2003). Adolescents' extracurricular participation in context: The mediating effects of schools, communities, and identity. *Social Educ* 76(2): 89-109.
19. Guillet E, Sarrazin P, Fontaine P (2000). If it contradicts my gender role, I'll stop: Introducing survival analysis to study the effects of gender typing on the time of withdrawal from sport practice. A 3-year study. *Eur Rev Appl Psychol* 50: 417-421.
20. Hoener O (2002). Motivation and dropout in handball. *Psychologie und Sport* 9: 120.
21. Instituto Português do Desporto e da Juventude (2010). *Praticantes federados*. Disponível em <http://www.idesporto.pt/conteudo.aspx?id=103>
22. Klint KA, Weiss MR (1986). Dropping out and in: Participation motives of current and former youth gymnastics. *Can J Appl Sport Sci* 11: 106-114.
23. Lindner KJ, Johns DP, Butcher J (1991). Factors withdrawal from youth sport: A proposed model. *J Sport Behav* 14: 3-18.
24. Mahoney JL, Cairns RB (1997). Do extracurricular activities protect against early school dropout? *Dev Psychol* 33: 241-253.
25. Martin DE (1997). Interscholastic sport participation: Reasons for maintaining or terminating participation. *J Sport Behav* 20: 94-104.

26. Ministério da Educação (2010). *Alunos por modalidade 2007-2011*. Disponível em <http://www.desportoescolar.min-edu.pt/estatisticas.aspx>
27. Molinero O, Salguero A, Tuero C, Alvarez E, Márquez S (2006). Dropout reasons in young Spanish athletes: Relationship to gender, type of sport, and level of competition. *J Sport Behav* 29(3): 255-269.
28. Pate R, Trost S, Levb S, Dowda M (2000). Sports participation and health-related behaviors among US youth. *Arch Pediatr Adolesc Med* 154: 904-911.
29. Patrick H, Ryan AM, Alfeld-Liro CJ, Fredricks JA, Hruda LZ, Eccles JS (2002). Adolescents' commitment to developing talent: The role of peers in continuing motivation for sports and the arts. *J Youth Adolesc* 28: 741-763.
30. Perkins DF, Jacobs J, Barber B, Eccles JS (2004). Childhood and adolescent sports participation as predictors of participation in sports and physical fitness activities during adulthood. *Youth Soc* 35: 495-520.
31. Petlichkoff LM (1992). Youth sport participation and withdrawal: Is it simply a matter of fun? *Pediatr Exerc Sci* 4: 105-110.
32. Petlichkoff LM (1996). The drop-out dilemma in youth sports. In: Bar-Or O (ed.), *The child and adolescent athlete: Encyclopedia of sports medicine*. Oxford: Blackwell Science, 418-432.
33. Russell DG, Allen JB, Wilson NC (1996). Youth sport in New Zealand. In: De Knop P, Engström LM, Skirstad B, Weiss MR (eds.), *Worldwide trends in youth sport*. Champaign, IL: Human Kinetics, 260-274.
34. Sabo D, Veliz P. (2008). *Go out and play: Youth sports in America*. East Meadow, NY: Women's Sports Foundation.
35. Salguero A, Gonzalez-Boto R, Tuero C, Marquez S (2003). Identification of dropout reasons in young competitive swimmers. *J Sports Med Phys Fitness* 43: 530-534.
36. Sallis, JF (2000). Age-related decline in physical activity. *Med Sci Sports Exerc* 32: 598-600.
37. Sallis JF, Patrick K (1996). Physical activity guidelines for adolescents: A consensus statement. *Pediatr Exerc Sci* 6: 302-314.
38. Sarrazin P, Vallerand RJ, Guillet E, Pelletier LG, Cury F (2002). Motivation and dropout in female handballers: A 21-month prospective study. *Eur J Soc Psychol* 32(3): 395-418.
39. Scheerder J, Thomis M, Vanreusel B, Lefevre J, Renson R, Eynde BA, Beunen GP (2006). Sports participation among females from adolescence to adulthood. *Int Rev Social Sport* 41(3-4): 413-430.
40. Sousa J, Magalhães J (2006). *Desporto escolar: Um retrato*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Ministério da Educação. Disponível em <http://www.desportoescolar.min-edu.pt/estatisticas.aspx>
41. Tammelin T, Nayha S, Hills AP, Jarvelin M (2003). Adolescent participation in sports and adult physical activity. *Am J Prev Med* 24(1), 22-28.
42. Weiss MR, Petlichkoff LM (1989). Children's motivation for participation in and withdrawal from sport: Identifying the missing links. *Pediatr Exerc Sci* 1: 195-211.
43. Weiss MR, Williams L (2004). The why of youth sport involvement: A developmental perspective on motivational processes. In: Weiss MR (ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 223-268.